

**A DESORIENTAÇÃO
GERAL**

THE GENERAL
DISORIENTATION

LA DÉSORIENTATION
GÉNÉRALE

Plínio W. Prado Jr.^{1, 2, 3}

(Traduzido do francês por Viviane Horta Generoso⁴)

RESUMO

O ensaio se interroga sobre a situação de grave impasse geral na qual vive o mundo atual. Esse impasse é apresentado como engendrado pela crise profunda da política ocidental moderna, e portanto de sua perspectiva histórica, entendida como promessa de emancipação dos sujeitos. A falta geral de horizonte histórico-político, o desaparecimento de um verdadeiro projeto crítico, o vazio de sentido que uma política reduzida à gestão do sistema liberal gera na sua ruína, caracterizam esse impasse. A questão atual é portanto bem a da *desorientação geral*. Esta define o motivo condutor o mais apto a reunir e a

¹ Professor da Université de Paris VIII, Département de Philosophie (fundado por Michel Foucault na sequência dos eventos de Maio de 68). É *docteur d'État* e diretor de pesquisas. Uma parte de seus textos e de suas conferências (sobre a Universidade e a relação de iniciação, sobre o « Espaço público », a resistência ético-política, o pensamento francês moderno, a *infantia*, Proust, Clarice Lispector ou Samuel Beckett) encontra-se disponível na Internet. Outra parte, no seu site Atelier Philosophie (<http://www.atelier-philosophie.org>) e [Plínio PRADO | Université Paris-8, France - Academia.edu](http://www.plinio-prado.fr). E-mail: plinio.prado@univ-paris8.fr.

² Endereço de contato com o autor (por correio): 5, *Résidence du Parc de la Faisanderie*, 95290 – *L'Isle Adam – France*.

³ Texto publicado pela na revista *Lignes* (Paris), nº 48, 2015 em francês. Tradução autorizada pela revista e pelo autor.

⁴ Viviane Horta Generoso é doutora e mestre em Filosofia pela *Université de Paris VIII*, atualmente pesquisadora no *Laboratoire Logiques Contemporaines de la Philosophie* (EA 4008) de *ParisVIII*. E-mail: hortaviviane@gmail.com.

articular os diferentes fios dos eventos que tramam hoje o nosso destino. Estes fios trazem todos a marca da *ameaça*: que seja a expansão e a intensificação dos atentados do salafismo djihadista na França, na Europa ou nos EUA, e a dita "co-radicalização" correspondente da extrema direita islamofóbica; ou o crescimento atual das novas extremas direitas populistas; ou ainda a "política das coisas" (a nova tecnocracia) do próprio sistema ocidental, reduzindo a política em gestão dos negócios do sistema e elegendo "a segurança" como técnica de governo. Estas ameaças não são todas da mesma espécie, evidentemente, nem se equivalem. No entanto todas têm em comum o fato de atacar em última análise, para lá das solidariedades coletivas, a vida subjetiva, singular: o *si*. Ou seja, mais precisamente: a *relação* de si consigo mesmo e com o *outro* de si, por meio da qual somente um sujeito pode se esboçar e manter uma "linha geral" ao longo de sua existência. De forma que, sob essas ameaças diversas, o sujeito perde e se perde (se desorienta) em todas as frentes de luta. Despossuído de sua relação a si, o sujeito ameaçado tende a ser completamente minado: conduzido, dirigido, gerido ao longo de sua existência. Segue-se daí a última bússola do sobrevivente, na época que corre: a que provém dos recursos do labor que consiste a *reatar uma relação de si consigo mesmo* e com o *outro* de si, condição e princípio de toda orientação possível. Última forma capaz de opor uma resistência ao tempo presente. Ora, elaborar esses recursos, perlaborá-los, tal é justamente a tarefa da arte, da literatura, do pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; outro (de si); destino; djihadista; emancipação; existência; extrema direita.

RESUME

L'essai s'interroge sur la situation de grave impasse générale dans laquelle le monde se trouve aujourd'hui. Cette impasse est présentée comme engendrée par la crise profonde de la *politique* occidentale moderne, et partant de sa perspective *historique*, comprise comme promesse d'*émancipation* des sujets. Le manque général d'horizon historico-politique, la disparition d'un véritable projet critique, le vide de *sens* qu'une politique réduite à la gestion du système libéral engendre dans sa ruine, caractérisent cette impasse. La question actuelle

est donc bien celle de la *désorientation générale*. Cela définit le motif conducteur le plus apte à rassembler et à articuler les différents fils des événements qui tracent notre *destin* aujourd'hui. Ces fils portent tous la marque de la *menace*: que ce soit l'expansion et l'intensification des attaques du *salafisme djihadiste* en France, en Europe ou aux États-Unis, et ladite « co-radicalisation » de l'*extrême droite islamophobe*; ou la croissance actuelle de nouvelles extrêmes droites populistes; ou la « politique des choses » (la nouvelle technocratie) du système occidental lui-même, réduisant la politique à la *gestion* des affaires du système et choisissant « la sécurité » comme technique de gouvernement. Ces menaces ne sont pas toutes de même nature, bien sûr, et ne s'équivalent pas. Cependant, elles ont toutes en commun le fait d'attaquer en dernière analyse, au-delà des solidarités collectives, la vie *subjective*, singulière: le *soi*. C'est-à-dire, plus précisément: la relation de soi à soi-même et à *l'autre de soi*, suivant laquelle seulement un sujet peut s'esquisser [se dessiner lui-même] et maintenir une « ligne générale » au long de son *existence*. De sorte que, sous ces différentes menaces, le sujet perd et se perd (se désoriente) sur tous les fronts de la lutte, sur tous les tableaux. Dépouillé de sa relation à lui-même, le sujet menacé tend à être complètement miné: mené, dirigé, géré tout au long de son existence. Il s'ensuit la dernière boussole du survivant, dans l'époque qui court: celle que fournissent les ressources du travail qui consiste à reprendre une *relation de soi avec soi-même* et avec *l'autre de soi*, condition et principe de toute orientation possible. Ultime forme capable d'opposer une *résistance* au temps présent. Or, élaborer ces ressources, les perlaborer, c'est précisément la tâche de l'*art*, de la *littérature*, de la *pensée*.

MOTS-CLÉS: art; autre (de soi); destin; djihadiste; émancipation; existence; extrême droite.

ABSTRACT

The essay questions the situation of serious global impasse in which the world is today. This impasse is portrayed as engendered by the deep crisis of modern Western *politics*, and of its *historical* perspective, understood as a promise of

emancipation of subjects. The general lack of a historical-political horizon, the disappearance of a true critical project, the *meaningless* that a policy reduced to the management of the liberal system engenders in its ruin, characterize this impasse. The question today is therefore that of a *general disorientation*. This defines the *leitmotiv* for gathering and articulating the different threads of events that map out our *destiny* today. These threads all bear the mark of the *threat*: that it is the expansion and the intensification of attacks of the *Jihadist salafist* in France, Europe or the United States, and the "co-radicalization" of the *Islamophobic far right*, or the current growth of new populists far right; or the "politics of things" (the new technocracy) of the Western system itself, reducing politics to the *management* of the system's affairs and choosing "security" as a technique of government. These threats are not all of the same nature, of course, and they are not equivalent. However, they all have in common the fact of attacking, in the last analysis, beyond collective solidarities, the *subjective*, singular life: the *self*. That is to say, more precisely: the relation of oneself to oneself and to the *other* of oneself, according to which only a subject can to draw oneself and maintain a "general line" throughout his *life*. So, under these different threats, the subject loses and loses (disorients) oneself on all fronts of the struggle. Stripped of its relation to itself, the threatened subject tends to be completely undermined: led, directed, managed throughout its existence. It follows the last compass of the survivor, in the time that is running: that provided by the resources of work which consists in taking up a *relationship of oneself with oneself* and with the *other* of oneself, a condition and principle of any possible orientation. Ultimate form able to oppose a *resistance* to the present time. Now, to elaborate these resources, to working-through them, is precisely the task of *art*, of *literature*, of *thought*.

KEYWORDS: art; other (of oneself); destiny; jihadist; emancipation; existence ; far right.

Recebido em: 17.09.2017. Aceito em: 03.01.2018. Publicado em: 01.04.2018.

O impasse.

Existiu um gênero de discurso crítico, que nós chamávamos outrora de “análise da situação”. Ele consistia em identificar os principais eventos que caracterizavam um contexto histórico particular, analisá-los e esboçar conseqüentemente um quadro tão claro e nuançado o quanto possível da situação em questão. Não somente de sua dita realidade, mas igualmente de suas tendências e do seu futuro.

Mas sobretudo, esta análise crítica era inseparável de um intuito prático: ela deveria permitir traçar as linhas *orientando* a ação, a intervenção na dita realidade, a fim de mudar uma relação de forças determinada e de contribuir assim para a emancipação dos sujeitos que estavam submetidos a ela. Se era preciso analisar bem “o que é”, teorizá-lo e pensá-lo, era para melhor poder transformá-lo, subvertê-lo.

O exercício supunha assim a existência de um objetivo *prático crítico* e a possibilidade de designar o justo (a causa justa), sob o pano de fundo de um horizonte geral de emancipação. Esta se apresentava necessariamente como uma *alternativa*, radical, à dita realidade (“não existe destino inelutável em política”).

Ora o gênero de discurso de “análise da situação” caiu em desuso – e isso *faz parte* da nossa situação atual.

Essa obsolescência é devida a uma *mudança* – a crise profunda da política – que atingiu brutalmente a condição *histórica* ela mesma, o sentido da emancipação e o status da *crítica*. Todos componentes implicados no exercício da “análise da situação”.

Ano do bicentenário da Revolução Francesa, 1989 pode ser visto como uma data emblemática desta mutação, momento que anuncia o fim da hegemonia moderna da *visão política do mundo*⁵. Queda do Muro de Berlim, ruína dos países do Leste, dissolução da URSS. O cenário da Revolução Francesa, ponto culminante da última grande filosofia da história, com a sua finalidade de emancipação da humanidade, havia deixado de funcionar. Desaparecia então do horizonte toda alternativa radical, decisiva, ao sistema. E o movimento levava junto, na sua queda, o gênero de discurso crítico da “análise de situação”, que se encontraria assim sem emprego.

A emancipação está doravante a cargo do desenvolvimento do sistema ele mesmo, que os profissionais da política *geram*. Ela também participa, de agora em diante, da *desidealização* do mundo. Um horizonte se dissipa, como campo de possíveis aberto ao pensamento e a ação.

⁵ Por “visão política do mundo” eu entendo a ideia segundo a qual o conjunto de “tudo o que acontece” pode e deve ser apreendido de um ponto de vista *político*: como ocasião onde a cada vez um conflito está em jogo e, com ele, o destino de uma emancipação (emancipação da pobreza, do despotismo, da ignorância, etc.). Melhor ainda: este ponto de vista — imperativo categórico dominando todos os outros — é o princípio mesmo de visibilidade, é o que faz *aparecer* “o que acontece”. A extremidade a mais avançada e a mais pura desta “visão política” foi a ideia moderna de Revolução, resultado do século XVIII europeu, o século da Crítica e das Luzes. Esse resultado pode ser condensado no axioma revolucionário por excelência: *não há destino inelutável em política*. Uma alternativa a “o que existe” deve ser portanto sempre possível.

Evidentemente, com o advento da tecnocracia moderna das sociedades pós-industriais, isto é, de um estilo de governo que abriga as suas decisões políticas por trás dos imperativos técnicos da gestão do sistema, é a ideia contra-revolucionária de destino, sob a forma de injunção inevitável das coisas elas mesmas, que está de volta. Não existe mais alternativa possível. São os antigos “pactos do destino”, *fati foedera*, versão tecnocrática. Tal é a ladainha dos especialistas hoje: as decisões, as reformas, são indiscutíveis (pois não são escolhas políticas, subjetivas, mais ditames prescritos pelas coisas elas mesmas). Veja *La politique des choses. Cours traité politique I (A política das coisas. Curto tratado político I)*, de J.-C. Milner, Verdier, 2011.

No que toca à crítica, ela está igualmente requisitada para participar desta hegemonia do imaginário da gestão (lembreme-nos do apelo aos intelectuais lançado pelo porta-voz do governo socialista francês em 1983)⁶. A prática crítica teve assim que passar da ofensiva à “resistência”.

Quanto à “análise da situação”, se ela não quiser se reduzir a um simples e vazio tema de conversa, ela deve sempre continuar a se orientar em direção à determinação das ações, por senso ético e cívico. Mas ela se encontra, doravante, na impossibilidade de definir outras ações que não sejam defensivas ou de acompanhamento (assinar petições, defender as liberdades elementares, participar de mesas redondas ou de fóruns, publicar artigos).

Intelectuais, mais um esforço.

Se eu insisti sobre os impasses da “análise da situação”, isso se deve a duas razões principais. Primeiramente, para salientar que as aporias da “análise”, no sentido dito, *fazem parte da própria situação atual*, que se trata de analisar. Mais amplamente, uma e outra, tanto a “análise da situação” como a situação atual, se inscrevem no contexto geral da falência da política, e mais precisamente do histórico-político, que as determina de ponta a ponta.

Em seguida, para fazer compreender que, nesta situação, um sentimento se assinala, que é sem dúvida compartilhado ou compartilhável. Eu quero dizer o seguinte: que o que pode experimentar o “intelectual” hoje (ou o cidadão também) no momento em que ele tem que fornecer uma “análise da situação”

⁶ Ler ou reler, sobre este assunto, *Le tombeau de l'intellectuel (O túmulo do intelectual)* de J.-F. Lyorad, Galilée, 1984.

atual — ou seja, o sentimento do impasse dito, uma espécie de desamparo —, é homólogo ao sentimento que experimentam à sua maneira — segundo a sua história e em função do lugar onde eles se encontram, segundo o destino que lhes foi preparado — os jovens de periferias que estão hoje em busca de um futuro, de um horizonte, de um amanhã, de novas possibilidades, que esperam e muitas vezes desesperam.

Eles buscam exprimir um sofrimento, suas humilhações e seus desamparos, senão seus desesperos, sem que haja uma pessoa, ou quase nenhuma, para ouvi-los, nem um discurso para acolhe-los e significa-los. Eles buscam exprimir suas revoltas também, suas rebelião; eles se radicalizam⁷.

Em perdição, eles seguem à sua maneira, e sem dúvida sem saber, a injunção revolucionaria segundo a qual *não deve haver um destino inelutável* em política.

Isso dá o que pensar. As gerações dos que foram deixados para trás compartilham com o analista ou o tribuno o desamparo que resulta da falta geral de horizonte, do vazio que a política deixou na sua ruína. A radicalização da revolta deles assinala, tragicamente, que uma figura da alternativa faz falta doravante.

A questão é bem a da *desorientação geral*. Esta define o motivo o mais apto provavelmente a reunir e a articular os diferentes fios dos eventos que importam hoje e que tramam o nosso destino atual.

⁷ Ver A. Bertho, « Une islamisation de la révolte radicale » (Uma islamização da revolta radical) (maio de 2015) ; pode ser consultado no site : <http://www.regards.fr/web/article/alain-bertho-une-islamisation-de> Estas páginas já tinham sido escritas no momento em que tomei conhecimento dos escritos de Alain Bertho, com os quais eu me sinto em perfeito acordo quanto ao essencial.

Estes fios trazem todos a marca da *ameaça*. Que seja a expansão e a intensificação dos atentados do salafismo djihadista, e a dita “co-radicalização” da extrema direita islamofóbica como reflexo correspondente; ou o crescimento atual das novas extremas direitas populistas na França e na Europa; ou ainda a “política das coisas” do próprio sistema, que sob o pano de fundo da redução da política em gestão, elege a segurança como técnica de governo⁸.

Estas *ameaças* não são todas da mesma espécie, evidentemente, nem se equivalem. No entanto todas atacam, em última análise, a vida subjetiva, singular, o *si*. Isto é, mais precisamente, a *relação* de si consigo mesmo e ao *outro* de si, por meio da qual somente um sujeito pode manter a sua “linha geral”.

De forma que aqui, sob as ameaças diversas, o sujeito perde e se perde (se desorienta) em todas as frentes de luta (que ele seja forçado a renunciar a si por doutrina, ou reduzido à coisa avaliada por tal gestão dos « recursos humanos »).

Ameaçar, *minari*, é conduzir : técnica de chefes (*meneurs*). Desprovidos de sua relação a si, o sujeito ameaçado é *mené*, conduzido, dirigido, gerido.

⁸ Sobre a “co-radicalização”, ver Douglas Pratt, « Islamophobia as Reactive Co-Radicalization », *Islam and Christian-Muslim Relations*, 2015 ; consultáveis *on line* <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09596410.2014.1000025#.Va3eCbXhKSo>

Sobre as novas “extremas direitas”, ver J. Y. Camus, « Extrêmes droites mutantes en Europe » (Extremas direitas mutantes na Europa), *Le Monde diplomatique* (março 2014) ; consultável no site <http://www.mondediplomatique.fr/2014/03/CAMUS/50209>

A segurança como técnica de governo havia sido o tema do curso de Michel Foucault no Collège de France, *Sécurité, territoire, population*. (Segurança, território, população) 1977-1978, Gallimard-Seuil, 2004.

Ver também G. Agamben, « Comment l'obsession sécuritaire fait muter la démocratie » (Como a obsessão de segurança modifica a democracia), *Le Monde diplomatique* (janeiro de 2014) ; consultável no site: <http://www.mondediplomatique.fr/2014/01/AGAMBEN/49997#nb3>

A desorientação geral.

Meu argumento se articula então em algumas proposições :

— Nossa situação atual não pode ser corretamente compreendida senão a partir desta falência da figura moderna da política, e portanto da história, com o horizonte e a temporalidade próprios que resultavam de suas promessas de emancipação.

— Tendo como pano de fundo esse fracasso e na falta de todo horizonte, a política (no sentido institucional do termo pelo menos, no sentido da “classe política”) tornou-se gestão dos negócios do sistema, “política das coisas”, pautada sobre os imperativos liberais da mundialização do mercado econômico, financeiro, tecnológico, científico.

— O “cultural”, as *mass-* e *multi-media*, são essenciais à política das coisas do sistema liberal democrático, programado para mobilizar e explorar as energias naturais e humanas (conduzir a opinião, guiar o desejo) a pleno rendimento. Eles se aplicam a mobilizar permanentemente os corpos e as psiques dos “recursos humanos” que a política administra. Eles os mantêm presos à troca contínua de mensagens, voltados para fora (para a “comunicação”); eles trabalham para desapossar os sujeitos de todas a relação consigo mesmo, os tornando supérfluos, permutáveis, trocáveis.

Em uma palavra: eles organizam a *desorientação geral* dos espíritos.

— Ora, é nesta vaga de desorientação geral que surfam hoje os movimentos extremistas, radicais e co-radicais evocados, assim como as “respostas” governamentais. Portadores das ameaças que pesam sobre a nossa situação atual, eles o são em graus diversos, certamente ; e estas não são de mesma natureza. Mas elas *fazem sistema* hoje, num certo sentido, na medida em que elas se entretêm reciprocamente.

— Dos pontos precedentes segue-se que a melhor maneira de opor uma resistência a estas ameaças, é visar o elemento no qual eles surfam e do qual elas se alimentam : a vaga de desorientação geral ambiente.

E para resistir à desorientação geral, para conseguir se orientar ou se reorientar na sua conduta e na sua existência, o que eles têm de outro finalmente, sobre o que se fiar, os seres falantes, senão os recursos deste *trabalho* que consiste a restabelecer uma relação de si consigo mesmo e com o *outro* de si, última bússola do sobrevivente, condição e princípio de toda orientação possível?

O sem precedente.

Num certo sentido, e até um certo ponto, as ameaças que pesam sobre nossa atualidade fazem portanto sistema. Ou seja, operam como um conjunto de elementos em interação (perigos, pressões, chantagens), que se entretêm e se alimentam mutuamente, configurando uma *situação*, a nossa, por mais instável que possa ser o seu equilíbrio⁹.

⁹ Seria fácil esquematizar essa interação em algumas proposições :

– o djihadismo e a extrema direita exploram, cada um do seu modo, a ruína do político e o

Segue daí que, de um certo ponto de vista, a atual “guerra civil mundial” não deixa de interessar e de beneficiar os principais protagonistas implicados nas ameaças que pesam sobre a sociedade. Esta é antes tomada como refém, por todos os lados.

Na verdade, seria preciso remontar mais longe, dois séculos atrás, passando entre outras coisas pelas guerras do Afeganistão e do Golfo, para poder fazer a anamnese de uma história singular de irmãos inimigos. Pois nós sabemos que as potências ocidentais, a Europa e os Estados Unidos, ao mesmo tempo engendraram, provocaram e alimentaram na península Arábica a radicalização político-religiosa-militar que hoje se desencadeou contra eles. Eles estão confrontados assim, agora, aos efeitos de suas política imperialista e colonial no exterior, discriminativa e segregacionista no interior. Como um retorno do que foi recalcado.

E como doravante não existem mais fronteiras separando o exterior do interior, na idade da ciber-guerra, os Estados inimigos trazem um sentido, definido em doutrina, armas, dinheiro e logística, para os seus filhos

vazio que ele deixa;

– insinuando-se neste vazio, a extrema direita se apresenta como o verdadeiro baluarte contra a maré crescente do “terrorismo islâmico”;

– as organizações djihadistas, quanto a elas, contam e executam aí o cenário místico-militar da vingança de uma humilhação multissecular e a redenção do verdadeiro islam;

– quanto à “política das coisas” do governo, ela tira partido do seu lado da “vaga terrorista” (deve-se dizer: providencial para ela ?), sobre a qual ela constrói a sua gestão da segurança, explorando os perigos e o medo que ela suscita;

– dessa forma, a dita classe política, mesmo de “esquerda” (social-democrática), prepara o leito da extrema direita;

– de uma maneira geral, os partidos liberais e sócio-democratas tendem a se aproximar progressivamente das novas “extremas direitas”, como nós vemos hoje um pouco por toda parte na Europa (cf. J. Y. Camus, « *Extrêmes droites mutantes en Europe* » (Extremas direitas mutantes na Europa), op. cit.).

humilhados e ofendidos no exterior. Nós os chamamos aqui [na Europa], “inimigo interior”.

Podemos então tomar a medida do quanto a situação presente é sem precedente. Em todo o caso, ela não poderia ser comparada com a situação de outros contextos históricos, como certos observadores tendem a fazer atualmente; por exemplo, com o contexto da ascensão dos fascismos no clima do niilismo crescente dos anos 30.¹⁰

É suficiente ver os eventos maiores que nos separam deles. A referência a esses eventos tornou-se uma trivialidade; eu os evoco aqui apenas de passagem e tendo em conta o assunto que nos preocupa.

Nós vivemos e pensamos no mundo do após Segunda Guerra mundial e a exterminação dos Judeus na Europa, nas condições que sabemos; ou seja, após o *fracasso irremissível do humanismo ocidental*.

Este mundo é também o do colapso, já salientado, da “visão política do mundo” e de seu tempo promissor de emancipação. Ele se tornou, em contrapartida, o mundo onde o liberalismo capitalista triunfou e reina sem divisões, mundialmente, tendo eliminado todo projeto de alternativa radical susceptível de lhe fazer concorrência. Exceto que ele abriga, no esquecimento

¹⁰ A especificidade dos fascismos, assim como a sua relação íntima ao totalitarismo e à “religião política” está no centro dos trabalhos de Emilio Gentile. Ver um exame geral desse trabalho em E. Gentile, « *Le fascisme, le totalitarisme et la religion politique: Définitions et Réflexions critiques sur la critique d'une interprétation* » (“O fascismo, o totalitarismo e a religião política: Definições e Reflexões críticas sobre a crítica de uma interpretação”), *Raisons politiques*, 22, 2006 ; consultável no site <https://www.cairn.info/revue-raisons-politiques-2006-2-page-119.htm>

E do mesmo autor, « *Le silence de Hannah Arendt : L'interprétation du fascisme dans Les origines du totalitarisme* » (“O silêncio de Hannah Arendt : A interpretação do fascismo em *As Origens do totalitarismo*”) (maço 2008) ; consultável no site <https://www.cairn.info/revue-dhistoire-moderne-et-contemporaine-2008-3-page-11.htm>.

de seus crimes, as sequelas semeadas por eles (a guerra do Afeganistão e todas suas guerras coloniais e imperialistas).¹¹

Enfim, e em correlação estrita com a hegemonia do capitalismo, o mundo atual é sobretudo, doravante, o do desenvolvimento, da expansão e da penetração extraordinárias da tecnociência e das tecnologias avançadas, que perturbam e desestabilizam em profundidade nossa relação com o espaço e o tempo, e conseqüentemente, com o solo e a história, e desembocam na rede informatizada planetária e na mundialização.

É neste contexto, absolutamente sem precedente, que convém situar as ameaças das quais nós falamos. Eu tomarei aqui apenas um exemplo, cujo o título, mistura de ancestralidade e de hipermodernidade, já fala por si só.

A ciber-guerra-santa.

Nós sabemos o papel desempenhado pela rede informatizada mundial na difusão massiva do *corpus* doutrinário e logístico da corrente salafista e djihadista ao longo do último decênio. É ainda um caso de mobilização total,

¹¹ É importante salientar que no ano emblemático de 1989, no momento em que se instalava a hegemonia sem precedente do capitalismo liberal, a *Umma* muçulmana (a comunidade de todos os muçulmanos, independentemente dos países onde eles vivem) se levantava diante do mundo para se vingar e restaurar a honra do nome do islam.

O guia da Revolução islâmica do Irã deu o golpe inicial, lançando em fevereiro de 1989 a *fatwa* condenando a morte um escritor ocidental [S. Rushdie] por blasfêmia contra o islam, assim como seus editores, tradutores e leitores. Foi o início da mundialização do terrorismo islâmico, nascido na guerra do Afeganistão (1979-1989).

No ano seguinte as organizações terroristas islâmicas começaram a tomar sistematicamente por alvo as potências ocidentais. A partir de julho de 1990, as tropas do Iraque lançavam um desafio à hegemonia do sistema ocidental, que culminaria na guerra do Golfo. Dois anos depois, em fevereiro de 1993, eclodia o primeiro atentado do World Trade Center. [*Nota acrescentada à edição brasileira de 2017* (N.d.T.).]

mas o seu objetivo não é a performatividade tecnológica ou econômica; é antes o lançamento e a execução de um cenário religioso-militar visando obter o reconhecimento do nome do islam a través do mundo inteiro.

Ora esse cenário tem vocação universal, entendamos : uni-totalisante. O encontro inesperado com a Internet lhe abre assim possibilidades imensas de mundialização: reunião da "grande nação islâmica", assembléia, afiliação, formação de redes de comunidades, uma espécie de *Umma* virtual. Se instala assim o que alguns chamam de ciber-guerra.

Uma característica notável desta é a *desaparição das diferenças* de espaço e de tempo, de lugar e de momento, de escala e de proporções. E portanto, a dissolução dos limites entre interior e exterior, local e mundial. Dir-se-á que isso é próprio das tele-tecnologias; somente aqui, isso é apropriado e colocado a serviço de um cenário religioso-militar de vocação universal. O desaparecimento das *diferenças* significa aqui que tudo pode ser colocado em balança, em paralelo, em *equivalência*, que tudo equivale a tudo do ponto de vista *único* da guerra santa.

Nós podemos condensar esta uni-totalização em uma fórmula, plena de contradições, ela mesma embaralhando no seu sintagma a distinção entre ancestralidade (religiosa) e hipermodernidade (técnica): a ciber-guerra-santa.

A partir daí, pouco importa as diferenças de cultura, de civilização, de história, de contexto: é de *uma só* humanidade que se trata na Lei, *um só* espaço-tempo, e *uma só* guerra (sejam quais forem as "armas", que portanto *se equivalem* : lápis ou kalachnikov, piada ou assassinato), e sobretudo, *um só* objetivo : o reconhecimento do verdadeiro islam.

Toda guerra civil é ao mesmo tempo uma guerra mundial. Então, um desenho rabiscado num bairro em Paris pode engendrar imediatamente um

problema geopolítico mundial e desencadear uma matança que se inscreve numa guerra santa total, tendo instantaneamente uma repercussão planetária. Djihad numérico, djihadoesfera, Estados islâmicos *on line* : a ciber-guerra santa é uma guerra mundial total.

O Outro.

Uma última observação. A questão colocada agora é, como sempre, a do homem, do humano, de sua significação e do seu futuro, de sua destinação. No sentido preciso em que não se nasce humano, torna-se humano¹². E que deve-se, por consequência, se preocupar com este “tornar-se”, cuidar deste vir-a-ser.

A questão se coloca hoje, mais do que nunca, devido ao fato da falência da figura ocidental, moderna, da política, e portanto da história enquanto abertura de um horizonte de emancipação.

Está claro que o Ocidente contemporâneo, o Ocidente eficiente do capitalismo financeiro mundializado, poderoso e permissivo, não tem muito a dizer nem a contribuir quanto a esta questão da significação do humano. É o que se chama o seu niilismo. O *niilismo europeu* hoje realizado e globalizado.

¹² Alusão à fórmula célebre de Erasmo, condensada na expressão “*homo fit, non nascitur*” (*De pueris instituendis* [Sobre a educação das crianças], 1529). Plínio Prado se refere a ela no livro *Le Principe d'Université*, Éditions Lignes, Paris 2009, cap. 4 (disponível em linha : [LE PRINCIPE D'UNIVERSITÉ](#) ; tradução portuguesa a ser lançada no Brasil em 2017).

Essa fórmula será todavia nuançada a partir da consideração da última indicação do humanismo, segundo a qual o homem só é homem na medida em que assume o que, nele, o excede (*ver abaixo*). A partir daí, a via está aberta para a inclusão, nessa reflexão, do tema freudiano e heideggeriano do *Unheimliche*, isto é de um *outro*, “corpo estrangeiro”, “hóspede inconvidado” residindo no seio da intimidade e assediando-a. (N.d.T.).

No entanto, a través de seus pensadores e de seus escritores, ele deixou todavia uma última indicação quanto ao futuro do humano. É ela que se elabora através da sequência do pensamento moderno que vai pelo menos de Nietzsche até os “Franceses”. Essa indicação faz eco às ameaças e inquietações que assombram a nossa situação atual. Ela afirma o seguinte : que o humano só é humano graças a isto que, *nele, é outro* que ele.

É sem dúvida legítimo ver aí um paralelo com o sentido ou o sentimento de um *outro* absoluto, que está no fundamento das religiões, a começar pelos monoteísmos abrahâmicos, entre os quais o islam¹³. Mas à condição de reservar a absoluta irrepresentabilidade dessa figura da alteridade. O que afinal requer, na aurora dos monoteísmos, a interdição mosaica de produzir uma imagem finita do que é infinito¹⁴.

Esse paralelo pode se reclamar de um outro motivo que atravessa o Ocidente, ao menos depois do 1º século, e que não deixou de interpelar retóricos, filósofos, teóricos da arte, mas também teólogos: o motivo do sublime (*hypsos, sublimis*). Ou seja, o de uma altura para além de toda altura, que desafia precisamente toda tentativa de representá-la, de colocá-la em *relação*, em cena, em imagem, *idolum*.

E o ponto que importa sobretudo ressaltar aqui, considerando o nosso tema da inquietude, é o seguinte : este reenvio a um absolutamente outro,

¹³ Ver a este respeito o « *guide élémentaire à l'usage de tous en régime de laïcité, de pluralité confessionnelle et de pensée déliée* » (“guia elementar para o uso de todos os regimes laicos de pluralidade confessional e de pensamento independente”) que propõe J.-L. Nancy, « Dieu, Charlie, Personne » (Deus, Charlie, ninguém) (janeiro de 2015) ; consultável no site <http://blogs.mediapart.fr/edition/les-invites-demediapart/article/270115/dieu-charlie-personne>.

¹⁴ Sobre a interdição mosaica de representação e a escritura de Beckett, ver Th. W. Adorno, *Negativ Dialektik*, Suhrkamp, 1966, tr. fr. *Collège de philosophie, Dialectique négative*, 1978, p. 297 sq.

absolutamente irrepresentável, é decisivo em matéria de *orientação* de si, de relação de si consigo mesmo e com o *outro* de si. Pois é precisamente em função de um absoluto, todavia irrepresentável, que convém no entanto ordenar a sua conduta, a sua vida e o seu pensamento. Wittgenstein, que se conhecia no assunto, insistiu incansavelmente sobre este ponto.

Ora a elaboração desta orientação, é aqui a melhor resistência que nós podemos opor às *ameaças* que pesam sobre a nossa situação atual. Pôsto que elas se entretêm surfando sobre a *desorientação geral* ambiente. E que a política cultural do liberalismo se consagra ela mesma a organizar esta desorientação. Isto é, a incitar constantemente o indivíduo a "soldar seu ser nos produtos de consumo"¹⁵.

Adorno escrevia na *Dialética negativa* que a obra de Beckett diz em permanência o seguinte : o que é, é como um campo de concentração.

Em *Fin de partie*, Hamm coloca a questão : "Tudo é o quê ?"

Clov responde: " O que tudo é? Em uma palavra? É isso que você quer saber? Um segundo. (Ele aponta o binóculo para o lado de fora, olha, abaixa o binóculo, se vira para Hamm.)". Finalmente ele diz a palavra: "Mortibus".¹⁶

O que deve ser entendido em primeiro lugar, hoje, como: devastação das intimidades.

¹⁵ A. Badiou, *Images du temps présent* (2001-2004), Fayard, 2014, p. 327.

¹⁶ S. Beckett, *Fin de partie*, Éditions de Minuit, Paris 1957, p. 44. Para responder, numa palavra, à questão « O que tudo é ? », Clov-Beckett escolhe o termo « mortibus » que se acha na intersecção entre o latim e a gíria popular. Em latim, ele corresponde à declinação do adjetivo *morto* (dativo e ablativo plural) ; mas no jargão popular, como gíria, ele é um adjetivo invariante em gênero e em número. Ao mesmo tempo, em *Fin de partie*, *mortibus* deve ser apreendido na pulsação do movimento insistente das réplicas de Clov : tudo é « Zero... Mortibus... Nada ». (N.d.T.).

Eu não vejo portanto outra coisa, no presente, senão a última bússola do sobrevivente — os recursos do labor que consiste a reatar uma relação de si consigo mesmo e com o *outro* de si —, a única que possa resistir ainda aqui.

Objetar-se-á que isso é muito pouco. Mais é o que resta ainda da fidelidade imemorial à exigência do justo, de vida justa. Quando o povo soberano faz falta (ou o horizonte de uma comunidade, de um “viver-junto”, ou qualquer outro nome que se dê ao sujeito universal da história, desaparecido), quando a vida política ou ético-política se tornou impossível, e que a capacidade de mobilizar as forças e de “emancipar” os humanos passou para o lado do inimigo.

Referências

- ADORNO, T. W. **Dialectique négative**. Paris: Collège de philosophie, 1978.
- ADORNO, T. W. **Negativ Dilaektik**. Suhrkamp, 1966.
- AGAMBEN, G. Comment l’obsession sécuritaire fait muter la démocratie. (janeiro de 2014). Disponível em: <http://www.mondediplomatique.fr/2014/01/AGAMBEN/49997#nb3>.
- BADIOU, A. **Images du temps présent (2001-2004)**. Paris: Fayard, 2014
- BECKETT, S. **Fin de partie**. Paris: Éditions de Minuit, 1957.
- BERTHO, A. **Une islamisation de la révolte radicale**. Disponível em: <http://www.regards.fr/web/article/alain-bertho-une-islamisation-de>. Acessado em maio.2015.
- LYORAD, J.-F. **Le tombeau de l’intellectuel**. Paris: Galilée, 1984.
- MILNER, J.-C. **La politique des choses**. Cours traité politique I. Paris: Verdier, 2011.

NANCY, J.-L.. Guide élémentaire à l'usage de tous en régime de laïcité, de pluralité confessionnelle et de pensée déliée. In: Nancy, J.-L.. **Dieu, Charlie, Personne**. Disponível em: <http://blogs.mediapart.fr/edition/les-invites-demediapart/article/270115/dieu-charlie-personne>.

PRATT, D. **Islamophobia as Reactive Co-Radicalization, Islam and Christian-Muslim Relations**, 2015. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09596410.2014.1000025#.Va3eCbXhKSo>.